

GUIMARÃES ROSA E O (DES)ENREDO DA VIDA PELA PALAVRA¹

Ana Maria Esteves (FSD)
Mestra em Letras (UERJ)
ame_rio @uol.com.br

RESUMO

João Guimarães Rosa estabelece uma relação íntima entre *linguagem* e *vida*. Para ele, esses dois elementos estão integrados – é por meio do primeiro que constrói o segundo e vice-versa. Em suas narrativas, a *realidade* não é um dado imóvel, acabado; mas um *contínuo fazer-se*, permanente *vir-a-ser* (é vida), que se instaura no momento único da narração. E é através de uma *linguagem* também *viva, revitalizada, restaurada*, que ele consegue expressar esse dinamismo. Pela ludicidade do “Verbo Criador” – tendo o leitor como seu aliado –, restaura os sentidos poéticos da existência, elevando, ao máximo grau possível, a sua relação com a linguagem.

RESUMEN

João Guimarães Rosa establece una relación íntima entre lenguaje y vida. Para él, éstos dos elementos se integran – a través del primero, que construye el segundo, y viceversa. En su narrativa, la realidad no es un dato inmóvil, acabado; sino un *continuo hacerse*, un permanente *sobrevenir* (es vida), que se instaura en el momento único de la narración. Y es por medio de un *lenguaje* también *vivo, revitalizado, restaurado*, que consigue expresar este dinamismo. Por la ludicidad del “Verbo Creador” – con el lector como su aliado -, restaura los sentidos poéticos de la existencia, alzando al máximo grado posible, su relación con el lenguaje.

*Somente renovando a língua é que se pode
renovar o mundo... (Guimarães Rosa)*

Como nos ensina Ezra Pound: “literatura é linguagem carregada de significado”². Portanto, interseções entre língua e literatura seriam possíveis a partir de qualquer obra literária, por ser o trabalho com a *palavra* inerente ao *fazer poético*. Mas uns escritores conseguem, melhor do que outros, instigar o leitor a estabelecer tal relação. É o que se verifica na obra de João Guimarães Rosa. Na famosa entrevista concedida ao crítico Gunter Lorenz³, ele explicita a importância que tem a linguagem em sua obra. Ela será utilizada de forma consciente, não como um mero instrumento do mundo exterior já cristalizado, estático – representação do lado externo das coisas, em seus aspectos físicos e sociais (como nas obras regionalistas de tantos outros escritores)

¹ Comunicação apresentada no **I Simpósio de Língua e Literatura: interseções**, realizado de 1º a 3 de outubro de 2003, no Campus Coração Eucarístico da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

² POUND, Ezra. *A B C da Literatura*. 2. ed. Trad. de Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 1973, p.32.

³ LORENZ, Gunter. “Diálogo com Guimarães Rosa”. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. (Col. Fortuna Crítica).

– e sim como espécie de linguagem em estado nascente, que se instaura junto com a estória que está sendo narrada.

Mas de que forma se pode construir um espaço novo, através da palavra, se ela se encontra totalmente contaminada pelo uso, cristalizada por clichês que esvaziaram o seu sentido primeiro? Eduardo Coutinho responde que “cabe, então, ao escritor, consciente de sua missão, refletir sobre cada palavra ou construção que utiliza e fazê-la recobrar sua energia primitiva, desgastada pelo uso. Em outras palavras, ele tem de revitalizar a linguagem.”⁴

E Guimarães Rosa afirma que seu método “implica na utilização de cada palavra como se ela tivesse acabado de nascer, para limpá-la das impurezas da linguagem cotidiana e reduzi-la a seu sentido original.”⁵ Essa *descontaminação* da palavra seria conseguida, segundo o crítico já citado, por meio de dois processos: ao “alterar o ‘significante’ e criar um neologismo, e ao associar o ‘significante’ a uma série de outros, de modo a fazê-lo funcionar como uma espécie de *leitmotiv*.”⁶

Aprendemos com Saussure que não há uma relação direta, necessária, intrínseca, entre as duas partes que compõem o signo linguístico: significante e significado⁷. Mas essa relação, apesar de arbitrária, possui uma carga expressiva no início, quando as palavras são criadas. Com o tempo, porém, essa expressividade se perde. Desgastados que são pelo uso, os significados tornam-se puramente conceituais. “A missão do poeta é, então, revitalizar a palavra, fazê-la recobrar a sua expressividade originária.”⁸

Os processos citados por Coutinho permitiriam a Rosa a realização dessa “missão”: a camada significante do signo é alterada por meio de neologismos, paródias a clichês, combinações sintáticas inusitadas, e são oferecidas múltiplas possibilidades de leitura a um único significante no plano do discurso narrativo.

A seguir, apresento uma proposta de leitura de um dos contos do escritor, com o objetivo de demonstrar a realização de seu projeto linguístico.

⁴ COUTINHO, Eduardo F. “Guimarães Rosa e o processo de Revitalização da Linguagem”. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). Op. cit., p. 203.

⁵ LORENZ, Gunter. Op. cit., p.81

⁶ COUTINHO, Eduardo F. Op. cit., p.204

⁷ SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 1969.

⁸ COUTINHO, Eduardo F. Op. cit., p.204

“Desenredo”: uma proposta de leitura

No conto “Desenredo”, de *Tutaméia*⁹, temos a estória de Jó Joaquim, que, diante das reiteradas traições da mulher, resolve expulsá-la de casa e, a partir daí, dedica-se a *desmanchar* o passado conhecido de todos e reinventá-lo. Neste conto, as várias possibilidades de leitura já se abrem no título, polissêmico por excelência, que, segundo Walnice Nogueira Galvão, pode ser desdobrado em três níveis: primeiro, material, no sentido de fios emaranhados, submetidos à operação de *desembaraçar*; o segundo, figurado, remete a *intriga, maledicência*; o terceiro, metalinguístico, referente à estratégia do protagonista de *desfazer progressivamente a crônica*¹⁰.

Teríamos: Jó Joaquim precisa *desembaraçar* a trama, já formada pela *maledicência* do povo, a respeito de sua amada. Para isso, *desfaz progressivamente* o enredo conhecido de todos e *constrói* outro, com um *desenlace* feliz. A palavra *desenredo* perde, assim, a sua característica de termo, “entidade de contorno unívoco, para converter-se em plurissigno, realidade multi-significativa”¹¹, que se incorpora ao contexto, como um elemento vivo, que pulsa, exigindo leitura. Forma e conteúdo entrelaçam-se em perfeita harmonia.

Esse entrelaçamento já vem anunciado na primeira linha: “Do narrador a seus ouvintes:”. Logo depois, o travessão, para marcar a *fala* do narrador. Este assume a posição de um cantador popular. A oralidade se instaura e, junto, a própria estória – a linguagem é construída no ato de narrar; fluem língua e estória (forma e conteúdo), e o leitor é convidado a participar, a refletir sobre cada palavra usada pelo narrador, porque nada é gratuito. O nome da personagem principal, por exemplo, – Jó Joaquim – é uma alusão à personagem bíblica¹², paciente por excelência (o oposto do sertanejo, que costuma lavar a honra com sangue, como fez o marido traído). O nome da mulher aparece invertido: inicialmente, “Livíria, Rivília ou Irlívia”; no final, “Vilíria”. Essas alterações estão relacionadas ao comportamento dela durante o desenvolvimento do conto e à idéia final que dela faz Jó Joaquim (a *verdade* vai-se modificando).

⁹ ROSA, João Guimarães. “Desenredo”. In: *Tutaméia (Terceiras estórias)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977. Daqui por diante, todas as citações desta obra serão indicadas pela inicial do título, seguida do número da página.

¹⁰ GALVÃO, Walnice Nogueira. “Metáforas Náuticas”. In: *Desconversa (ensaios críticos)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998, p. 127.

¹¹ OLIVEIRA, Franklin de. “Revolução Roseana”. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). Op. cit., p. 180

¹² Referência ao *Livro de Jó*. In: Bíblia Sagrada.

A impressão que se tem, durante a leitura do conto, é a de que o narrador fala aos ouvidos do leitor, convidando-o a participar – “Com isso, quem pode, porém?” – enquanto continua a *(des)costurar* a narrativa *ao vivo*.

Nesse contínuo, serão utilizados recursos, como a (des)construção de ditados/frases populares e combinações inesperadas nos sintagmas. Ao deslocar (alterar) clichês e formar combinações inusitadas, o leitor é levado ao estranhamento, à surpresa. Isso faz com que se busquem novos possíveis significados “para além do puro aspecto denotativo da expressão.”¹³

Inúmeros outros procedimentos lúdicos serão utilizados por Rosa, neste texto, para revitalizar a linguagem. No início do conto, ao referir-se à mulher, são usadas as expressões: “...olhos de viva mosca, morena mel e pão...” [clichês originais: “mosca morta”; “cor de pão de mel”]. O primeiro leva à reflexão de que ela não era uma “mosca morta”... Quanto ao segundo, talvez remeta às características do pão e mel separadamente, diferente da palavra composta, em que se esvaziaram os significados originais dos dois elementos. Ainda nesse parágrafo, outras construções causam estranhamento: “Era *infinitamente maio* e Jó Joaquim *pegou o amor*” [grifos meus]. No primeiro caso, aparece um advérbio modificando um substantivo, talvez para ironizar um possível clima romântico entre os amantes; no segundo, o verbo pegar está fora de seu emprego usual, em que pediria, como complemento, um substantivo concreto – aqui, “pegou o amor”, como “se pega um resfriado, uma doença” (é esse o significado sugerido ao colocar um substantivo abstrato no lugar do concreto) – novamente a ironia do narrador, acompanhada de humor. Ainda nesse parágrafo, outra expressão que chama a atenção é “Voando o mais em ímpeto de nau tangida a vela e vento” [reconstrução do ditado: “Tudo ia de vento em popa”], para dizer que tudo ia bem para os amantes.

Mais adiante, para referir-se às precauções tomadas pelos amantes, impostas pelos ciúmes do marido e vigilância da cidade, o tom reflexivo do narrador, em construções à maneira de provérbios: “...as aldeias são a alheia vigilância” (não só aquela; referindo-se ao hábito que as pessoas têm de vigiar a vida alheia); “Todo abismo é navegável a barquinhos de papel” (cuidados que se devem ter diante dos perigos). Aliás, esse tom já aparecera antes em: “Foi Adão dormir, e Eva nascer”; e mais adiante: “Esperar é reconhecer-se incompleto”. Fica nítida, nesse tipo de construção, a voz do

¹³ COUTINHO, Eduardo F. Op. cit., p. 206 – Esta idéia está contida nos exemplos retirados de *Grande Sertão: Veredas* e aplica-se ao conto analisado neste trabalho.

narrador, ansioso por expressar suas experiências e conselhos aos *ouvintes* (como nas narrativas populares).

Quanto à estrutura sintática, também apresenta outros estranhamentos, além dos já citados, como por exemplo: “Não se via quando e como se viam” [grifos meus], para referir-se ao fato de que os *momentos* e as *formas* dos encontros dos dois eram encobertos de todos da cidade (o que causa estranhamento, aqui, é a substituição de expressões completas por palavras sintetizadoras da idéia).

Algumas palavras chamam a atenção do leitor, que leva algum tempo para compreender o seu significado, como “– deu-se o *desmastreio*...” [grifo meu]. Após alguns momentos de reflexão, chega-se à conclusão de que *aquela nau*, que estava *de vento em popa, perdeu o mastro*, ou seja, o rumo, no momento em que o marido a encontra com outro – um terceiro – e mata-o. E, ao referir-se à surpresa de Jó, que não imaginava a existência de um terceiro, o narrador afirma: “Imaginara-a jamais a ter o pé em três estribos”. O estranhamento, neste caso, acontece pelo fato de *estribos* existirem aos pares e não em três (novamente a ironia, já que os relacionamentos amorosos também devem vir aos pares e não em trio).

Nas passagens em que Jó se dedica a *desconstruir o enredo* (desenredar) que fizeram de sua amada, temos:

Nunca tivera ela amantes ! Não um. Não dois. Disse-se e dizia isso
Jó Joaquim. Reportava a lenda a *embustes, falsas lérias escabrosas* .
Cumpria-lhe *descaluniá-la*, obrigava-se por tudo. Trouxe à *boca-de-cena do mundo*, de caso raro, o que fora *tão claro como água suja (...)*

(...) Jó Joaquim, genial, *operava o passado – plástico e contraditório rascunho. Criava nova, transformada realidade, mais alta. Mais certa?* [grifos meus] (T, 39-40)

Nesta passagem, a energia da palavra criadora se instaura plenamente, atingindo seu ápice – a realidade é criada pela palavra: “Nunca tivera ela amantes !” Tem-se, aí, um excelente exemplo de metalinguagem: Jó dedica-se a reescrever o passado da amada, desfazendo, astuciosamente, o “contraditório rascunho”, através de “falsas lérias escabrosas”, que são levadas “à boca-de-cena do mundo”, já que era preciso “descaluniá-la”. À medida que a personagem vai *tecendo* “a nova, transformada realidade”, a linguagem continua sendo *construída, revivificada*, como em: “... o que fora tão claro como água suja...” – paradoxo, que instaura o humor e a ironia mais uma vez, remetendo à oposição da expressão original: “claro como água cristalina”. No final, a pergunta (um chamamento ao leitor): “Mais certa?” (e, por quê, não ?...).

Finalmente, o novo enredo está pronto:

Pois, produziu efeito. Surtiu bem. Sumiram-se os pontos das reticências, o tempo secou o assunto. Total o transato desmanchava-se, a anterior evidência e seu nevoeiro. *O real e válido, na árvore, é a reta que vai para cima. Todos já acreditavam. Jó Joaquim primeiro que todos. Mesmo a mulher, até, por fim... [grifos meus] (T, 40)*

Eis um belo exemplo da força que tem a palavra na obra do autor: uma “nova, transformada realidade” é criada por meio da (re)(des)construção da linguagem, no plano do enunciado e no da enunciação.

Ler Guimarães Rosa é, portanto, muito mais que decifrar códigos *congelados* encontrados em qualquer texto. Significa, antes de tudo, construir, junto com o autor, cada estória narrada, tendo a consciência de que, a cada leitura, novas possibilidades se abrirão. Isso porque a realidade inventada pela palavra de Guimarães Rosa é dinâmica, viva, construída pelo “ilesos gume do vocábulo”.¹⁴

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

COUTINHO, Eduardo (org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. (Col. Fortuna Crítica)

_____. “Guimarães Rosa e a palavra poética”. In: *Range Rede: Revista de Literatura* – Ano 2, nº2 – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996, p.8

GALVÃO, Walnice Nogueira. *Desconversa* (ensaios críticos). Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998.

POUND, Ezra. *ABC da Literatura*. 2. ed. Trad. de Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1973.

ROSA, João Guimarães. *Tutaméia* (Terceiras estórias). Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1969.

¹⁴ COUTINHO, Eduardo. “Guimarães Rosa e a palavra poética”. In: *Range Rede: Revista de Literatura* – Ano 2, nº2 – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996, p.8 – neste ensaio, o crítico explica o significado dessa expressão, que aparece no conto “São Marcos” – de *Sagarana* –, como sendo a “energia originária da palavra, que se gasta com o tempo e que é preciso resgatar para que ela possa realmente transmitir realidades mais fundas, para que ela possa, inclusive, permitir uma participação mais ativa do leitor.”